

# A eternidade do Homem na cruz

Dreux Budé Master - The Crucifixion (Foto:  
Wikimedia Commons)

07 Abril 2020

"Na minha biblioteca, existem centenas de ensaios e tratados exegéticos e teológicos sobre a [paixão e a morte de Jesus](#), mas talvez nenhum deles possa provocar uma emoção como essa, nem digo em um agnóstico, mas inclusive em um crente".

A opinião é do cardeal italiano [Gianfranco Ravasi](#), prefeito do **Pontifício Conselho para a Cultura**, em artigo publicado em **Il Sole 24 Ore**, 05-04-2020. A tradução é de **Luisa Rabolini**.

**Eis o texto.**

Entre a multidão dos transeuntes, naquele dia de abril talvez do ano 30, avançava um piquete militar romano liderado por um **centurião**, o *exacto mortis*, aquele que deveria verificar a execução capital daquele condenado, o galileu **Jesus de Nazaré**, que estava carregando nas costas com muita dificuldade o *patíbulum*, a madeira transversal que seria fixada no poste vertical, já fincado no solo do pequeno monte **Gólgota**, "crânio" em aramaico, em latino *calvarium*, local de crucificação. Nesse cenário poderíamos sobrepor as emocionantes imagens de Cristo carregando a **cruz**, lutando para prosseguir na neve manchada pelo sangue que escorre das feridas das torturas anteriores infligidas pelos soldados romanos, como proposto por [Andrej Tarkovskij](#) em seu admirável filme **Andrej Rublëv** (1966).

---

**Diego Velásquez conseguiu pintar o silêncio –  
Thierry Lentz**

 [Tweet](#)

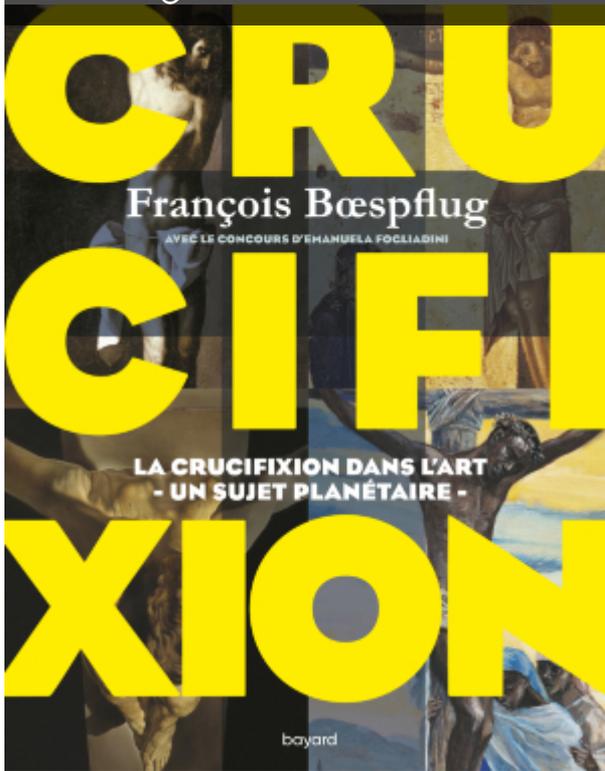
---

No final, o espetáculo macabro, infelizmente sempre apreciado por uma pequena multidão de sádicos reprimidos, termina com a **crucificação** e a morte por sufocamento do condenado. No eixo vertical da cruz, em uma placa, está o *titulus*, ou seja, a acusação, escrita em latim, a língua oficial, em grego, a língua internacional da época e no hebraico local: "**Jesus de Nazareno, rei dos judeus**", que se tornará a sigla **INRI** (*Jesus Nazarenus Rex Iudeorum*) nos séculos seguintes. O **Crucifixo**, antes de morrer, emitirá **sete últimas frases** que, séculos mais tarde, na música de **Haydn** se tornarão um emocionante lamento universal, enquanto para a fé dos cristãos sempre serão o extremo testamento de seu Deus que morre.

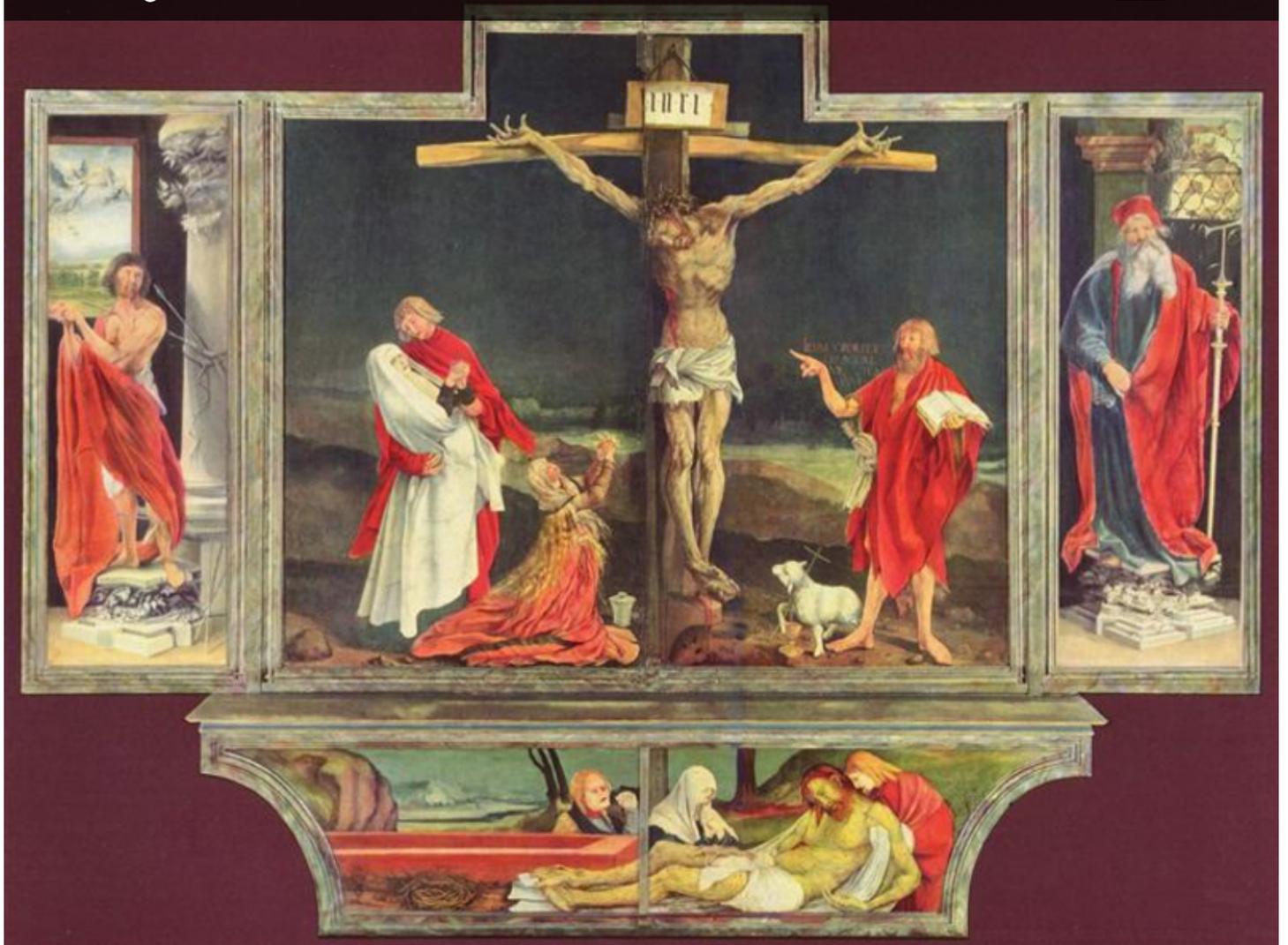
Ninguém naquela tarde de primavera em **Jerusalém** - era a nona hora, ou seja, três da tarde - teria imaginado que aquela cena trágica, não rara durante o regime de ferro do governador imperial da **Palestina**, **Pôncio Pilatos**, se tornaria um emblema simbólico destinado a atravessar os milênios. Essa cruz se transformaria para toda a cultura ocidental em um "sujeito planetário". Esse é o subtítulo que um dos maiores historiadores da arte cristã contemporânea, o francês **François Boespflug**, impôs em seu impressionante "catálogo" emblemático das representações da crucificação. Um impressionante desfile de imagens, acompanhadas por fichas que muitas vezes são similares a narrativas, que mostra as representações artísticas mais famosas e modestas, as mais antigas e as mais recentes **desse evento capital da história da humanidade**.



imaginem que somente de 1945 a hoje existem dezenas e dezenas de **Crucificações** que fluem diante do leitor dessa obra, cruzando por artistas totalmente inesperados, capazes de desmentir a "vulgata" do divórcio entre arte e fé que ocorreu em 1900. Sem mencionar, além disso, que o olhar da **Boespflug** se estende até a **África, Ásia, América Latina** e até **Austrália e Oceania**. Se me pedissem para optar por pelo menos um exemplo, mesmo ao custo de ser óbvio, eu reproduzia o provocador e intrigante "*retábulo de Isenheim*", o políptico que **Matthias Grünewald** pintou entre 1512 e 1514 e que agora é exposto no **Museu Colmar**, na **Alsácia**.



La Crucifixion dans l'art, un sujet planétaire,  
Françoïs Boespflug avec le concours d'Emanuela Fogliadini  
(Foto: Reprodução)



Retábulo de Isenheim, obra de Matthias Grünewald. (Foto: Wikiart.org)

Descrever essa cena é diminuir sua brutalidade escandalosa, com os toscos troncos de madeira da cruz, com o corpo lívido de Cristo, seu peito inchado, os pés torcidos, os dedos que se esticam desesperados, a cabeça inclinada até quebrar o pescoço, sob um céu de trevas ... Mas a publicação quase contemporânea de um pequeno e surpreendente ensaio de um famoso historiador francês, **Thierry Lentz**, me leva a propor outra exemplificação. **Velásquez: os pregos da Paixão** é o título (em trad. livre) de um pequeno livro muito original, que é o narração histórico-crítica, estética e teológica da peregrinação ao **Museu do Prado** diante desse **Crucifixo**, um óleo sobre tela de 1632, que esse estudioso agnóstico viveu e que ele propõe aos seus leitores.

O resultado é uma extraordinária experiência existencial na qual aquele homem crucificado - que emerge de um fundo totalmente escuro, com seu corpo nu de carne luminosa, quase ereto e solene naquela cruz que se torna seu trono (não é à toa que uma nuvem dourada envolve sua cabeça dobrada) - questiona o espectador sem fixá-lo nos olhos e sem questioná-lo diretamente. **Boespflug**, na ficha que dedica a esse quadro,



E **Lentz**, por sua vez, conclui: "**Diego Velásquez** conseguiu pintar o silêncio". E confessa: "Ignoro o porquê, mesmo que tenham passado milhões de visitantes transitando ou parando diante dessa **Crucificação**, tive a estranha sensação de que ela 'falou' justamente comigo".

Esse reconhecimento pessoal é bem fundamentado. Na minha biblioteca, existem centenas de ensaios e tratados exegéticos e teológicos sobre a [paixão e a morte de Jesus](#), mas talvez nenhum deles possa provocar uma emoção como essa, nem digo em um agnóstico, mas inclusive em um crente. Um ateu declarado como [Emile Cioran](#) estava certo quando disse que sentia pena dos teólogos que o haviam procurado com seus refinados caminhos especulativos, porque eles não haviam sido capazes de reconhecer um dado elementar: "Toda vez que

ouço a **missa em B menor** ou a [Paixão segundo Mateus](#) ou uma **sonata de Bach**, devo confessar que Deus deve existir e esta é a única prova que

os teólogos negligenciaram". Mas, a esse ponto, não podemos ignorar que os Evangelhos não consideram a [morte de Cristo na cruz](#) o estuário definitivo de uma existência dedicada ao abismo do silêncio sepulcral.



Thierry Lentz, Velázquez: i chiodi della Passione  
(Foto: Reprodução)

---

***Toda vez que ouço a missa em B menor ou a Paixão segundo Mateus ou uma sonata de Bach, devo confessar que Deus deve existir e esta é a única prova que os teólogos negligenciaram – Emile Cioran***



... horas da agonia, a escuridão da morte e o ventre do sepulcro, surge o sol do amanhecer da **Páscoa**. É "**o paradoxo da ressurreição**", como é o título de uma coleção de artigos teológicos editados por [Antonio Landi](#), recentemente publicado, o último elo de uma cadeia bibliográfica infinita. Aqui, embora não abandonemos completamente o terreno da história, embrenhamo-nos a outras fronteiras, as de fé e do espírito. E para nos guiar, mais uma vez pode ser a arte que - como sugeria [Paul Klee](#) - não se contenta com o visível, mas representa o Invisível que está oculto no visível.



Antonio Landi (editor), *Il Paradosso della Resurrezione*  
(Foto: Reprodução)

Mais uma vez **François Boespflug**, acompanhado novamente por uma estudiosa italiana da iconografia bizantina, **Emanuela Fogliadini**, se debruça sobre esse tema mais árduo, a [Ressurreição de Cristo](#), com a qual a arte do Oriente e do Ocidente se confrontou. Não é uma tarefa fácil para os artistas, porque os evangelhos canônicos silenciam sobre o ato em si do "despertar e elevar-se" de Cristo da tumba (tal é o valor dos verbos gregos usados), permanecendo suspensos entre o "antes" do sepulcro aberto e o "depois" dos encontros ou "aparições" do Ressuscitado.

Os **Evangelhos apócrifos**, mas sobretudo a criatividade artística, compensaram esse vazio. E aqui estamos, diante das cinquenta representações selecionadas nesse tipo de álbum que parte de uma das mais antigas representações do [Cristo Ressuscitado](#), sentada em frente ao seu túmulo em um painel de mármore do **Castelo Sforzesco**, em **Milão**, para chegar a um acrílico sobre tela do jovem pintor croata **Nikola Sari** (35 anos) com a sua *Nova criação*,

que quer encarnar as palavras do Cristo glorioso do **Apocalipse**: "Eis que faço novas todas as coisas" (21,5). E se também para a [ressurreição de Cristo](#) tivéssemos que optar nessa galeria extraordinária por uma pintura-emblema, compartilharíamos a escolha da capa do livro de **Boespflug-Fogliadini** com o poderoso e inesquecível Cristo que sai do sepulcro, o afresco que **Piero della Francesca** pintou entre 1463 e 1465 para o **Palazzo dei Conservatori** de sua cidade **Sansepolcro**, "a pintura mais bonita do mundo", como a havia definido o escritor inglês **Aldous Huxley**.



**François Boespflug** avec le concours de **Emanuela Fogliadini**, **Crucifixion**, Bayard, Paris, p. 559, 59,90 €

**Thierry Lentz**, **Velázquez: i chiodi della Passione**, Salerno Editrice, Roma, p. 138, € 12

**François Boespflug - Emanuela Fogliadini**, **La Risurrezione di Cristo nell'arte d'Oriente e d'Occidente**, Jaca Book, Milão, p. 221, € 70

Ver também **Antonio Landi** (editor), **Il Paradosso della Resurrezione**, Dehoniane, Bolonha, p. 155, 19 €

### Leia mais

- › [Os mil rostos de Cristo. Artigo de Gianfranco Ravasi](#)
- › [A ressurreição: um paradoxo](#)
- › [Um Olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski](#). Artigo de Joe Marçal Gonçalves dos Santos. Cadernos Teologia Pública, Nº 26
- › [Posso ajudá-lo? Sobre os motivos que nos levam a ajudar os outros](#)
- › [As sete palavras de Jesus na cruz](#). Comentário de Roberto Mela
- › [Quando Jesus na cruz disse sete palavras](#)
- › [As sete palavras de Jesus na Cruz](#). Comentário do Evangelho de Adroaldo Palaoro
- › [Contemplar o Cristo na cruz é a contemplação do coração da Trindade](#)
- › [O grito de Jesus na cruz e a longa tradição de lamentos contra Deus. Entrevista especial com Alexander Nava](#)
- › [O grito de Jesus na cruz e seus ecos na contemporaneidade. Entrevista especial com Francine Bigaouette](#)
- › ["Jesus fala de 'paraíso' só uma vez: para o bom ladrão", prega Francisco](#)
- › [Sexta-feira Santa: contemplar a Cruz e os crucificados](#)
- › [Domingo de Ramos - Ano C - Seguir Jesus no caminho de Cruz](#)
- › ["Na cruz de Cristo, está todo o amor de Deus, está a sua imensa misericórdia"](#)
- › [A paixão do Messias Jesus](#)
- › [A ressurreição de um torturado e crucificado: Jesus de Nazaré](#)
- › [Ante o Crucificado](#)
- › [Pilatos entre justiça e salvação](#)

Encontro Ressuscitado: "tocar" nos crucificados da história

Cioran, Obsessão de um ateu por Deus



- › [O inimaginável Deus crucificado](#)
- › [A ressurreição: um paradoxo](#)
- › [A ressurreição nos dias de angústia e morte](#)
- › [Um Deus dos vivos, da Ressurreição](#)
- › [Ressurreição: experiência que nos tira de um fatal 'ponto morto'](#)

DEIXE SEU COMENTÁRIO



Enviar



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS